

DIVERSIDADE EM DEBATE

GÊNERO & CIÊNCIA: TECENDO RELAÇÕES

Profa. Dra. Fabiane Ferreira da Silva*

Resumo

Muitas mulheres foram (e ainda são) excluídas da produção do conhecimento. Mesmo com as mudanças ocorridas quanto ao acesso à educação e ao Ensino Superior por parte das mulheres, a representação de quem faz e pode fazer ciência ainda é masculina. Atualmente, é possível perceber o número significativo de mulheres em universidades e instituições de pesquisa, contudo, ainda evidencia-se que esta participação vem acontecendo de modo dicotomizado ou está aquém da presença masculina em determinadas áreas.

Ao longo dos séculos, as mulheres estiveram “ausentes” do mundo da ciência. Isso não significa dizer que as mulheres não participaram da produção do conhecimento. Nos anos iniciais da Revolução Científica, muitas mulheres envolveram-se com atividades científicas, juntamente com seus pais, irmãos e maridos cientistas (SCHIEBINGER, 2001).

Entretanto, a formalização da ciência, com a emergência de instituições e a determinação de normas e métodos, bem como a privatização da família restringiram a inserção e a participação das mulheres na ciência (SCHIEBINGER, 2001). Por muito tempo, com algumas exceções, as mulheres não puderam desenvolver pesquisas nem mesmo como auxiliares, já que até recentemente eram impedidas de frequentar as instituições de ensino, pois a elas cabia assumir o cuidado da casa, dos filhos e do marido. Cabe destacar que, embora as universidades tenham sido criadas no século XII, só passaram a admitir efetivamente as mulheres em seus quadros de discentes e docentes no final do século XIX e início do século XX (SCHIEBINGER, 2001).

*Professora da Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguiana e doutora em Educação em Ciências

Assim, a ciência estruturou-se em bases quase que exclusivamente masculinas, por meio de discursos e práticas nada neutros, que excluíram e invisibilizaram as mulheres nesse contexto. A ciência, como um produto cultural, social e histórico, desde o seu nascimento, foi moldada na dicotomia existente entre o masculino e o feminino na sociedade, e pelo fato de que durante a maior parte da sua história foi empreendida pelo representante do masculino – o homem, branco, ocidental, elitista e colonial (LÖWY, 2009). Portanto, os parâmetros e valores necessários para produzir uma ciência considerada legítima – neutralidade, objetividade, racionalidade e universalidade – incorporam a visão de mundo das pessoas que criaram essa ciência (LÖWY, 2009).

Neste sentido, a crítica feminista à ciência instrumentada pela perspectiva de gênero – e no entendimento de que o conhecimento científico é construído por seu contexto social e cultural – considera não só a discriminação e sub-representação das mulheres na ciência, que resultaram na predominância masculina entre cientistas, principalmente em determinadas áreas da ciência, mas também o predomínio de um viés androcêntrico nas atividades científicas que caracterizam os próprios fundamentos da ciência moderna. Sem dúvida, a crítica feminista à ciência provocou mudanças, ampliando as formas de pensar e produzir o conhecimento científico, mas, sobretudo, contribuiu para a inserção das mulheres no mundo da ciência.

Atualmente, é possível perceber o número significativo de mulheres em muitas universidades do país, entre discentes e docentes, e em diversas instituições, desenvolvendo pesquisas. Contudo, apesar da crescente presença feminina no mundo da ciência, ainda se evidencia que essa participação vem ocorrendo de modo dicotomizado ou ainda está aquém da presença masculina em determinadas áreas.

No contexto da participação das mulheres nas universidades, uma questão que tem sido amplamente discutida refere-se à “segregação territorial” (SCHIEBINGER, 2001.), ou seja, a divisão por gênero nas áreas do conhecimento, já que as mulheres tendem a se concentrar em áreas tradicionalmente “femininas”, em profissões de menor *status* social, reconhecimento e remuneração, embora as pesquisas atuais tenham apontado que, num futuro não muito distante, áreas tradicionalmente “masculinas” contarão com uma expressiva presença feminina. No que se refere à participação das mulheres por áreas do conhecimento, os dados disponibilizados pelo CNPq (FELÍCIO, 2010, p. 47) mostram que as mulheres ainda são minoria na Geociência, na Matemática, nas Engenharias, na Ciência da

Computação, na Economia e principalmente na Física, área que concentra a menor representação feminina, em torno de 20%. Entretanto, Psicologia, Linguística, Nutrição, Serviço Social, Fonoaudiologia, Economia Doméstica e Enfermagem constituem-se nas áreas onde as mulheres são mais representadas, mantendo-se acima de 70%.

Esses números possibilitam-nos pensar que o mundo da ciência (re)produz determinados discursos e as práticas sociais que constituem mulheres e homens, uma vez que as diferenças entre os “papéis” sócio- historicamente construídos de mulheres e homens produzem efeitos nas escolhas profissionais, na formação de pesquisadores(as), no desequilíbrio entre mulheres e homens em determinadas áreas do conhecimento, no viés sexista que constitui a ciência. Tais aspectos têm raízes profundas, que envolvem a própria história da humanidade e a construção das identidades femininas e masculinas ao longo dos tempos.

É importante compreender que a ciência é um produto de centenas de anos de exclusão e invisibilização das mulheres; portanto, a inserção delas na ciência exige profundas mudanças na cultura, nos processos de socialização de mulheres e homens, nas expectativas direcionadas socialmente às mulheres, nas formas de compreender as feminilidades e as masculinidades, na representação tradicional da ciência e de cientista abordada nas escolas e veiculada em diversos artefatos culturais, entre outros aspectos.

A inserção das mulheres na ciência é somente uma das questões que precisa ser resolvida, pois não se trata apenas de aumentar o número de mulheres na ciência, principalmente em áreas como a Física e a Engenharia, nas quais a participação das mulheres é restrita. A desvantagem numérica em algumas áreas do conhecimento e a divisão de gênero na ciência não são os únicos problemas, embora se constituam como sintomas da organização de gênero na sociedade. Os preconceitos e desigualdades de gênero que impedem uma participação equivalente e que não permitem mudanças, não só na vida das mulheres, como também na própria ciência, constituem a base do problema. Preconceito e desigualdade de gênero na ciência refere-se, por exemplo, às “brincadeiras” e metáforas sexistas que inferiorizam e discriminam as mulheres pelo simples “fato” de serem mulheres.

Considerando as ideias apresentadas neste texto, procure problematizar com os(as) alunos(as) a relação entre gênero e ciência presente nos livros didáticos utilizados em sua escola, bem como em outros artefatos culturais, tais como filmes, revistas, gibis, desenhos animados, dentre outros. Qual é a representação de cientista e de ciência presente nesses

artefatos? Quais são as posições de sujeito ocupadas por homens e mulheres, meninos e meninas? Como a história da ciência é apresentada nesses artefatos?

Lembre-se que todo e qualquer artefato cultural contém pedagogias que ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados sociais.

É fundamental a incorporação de uma “consciência crítica de gênero” na formação dos sujeitos em todos os níveis educacionais. É preciso problematizar o pressuposto de que a ciência é neutra com relação às questões de gênero, revelando que os valores e as características socialmente atribuídos às mulheres são desvalorizados na produção do conhecimento e que desigualdades de gênero perpassam o campo científico.

Algumas medidas a favor da igualdade de gênero na ciência têm sido executadas no âmbito do Programa Mulher e Ciência, da Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM, que, desde 2005, lança editais de apoio às pesquisas no campo dos estudos de gênero, mulheres e feminismos. Também foi lançado o “Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero”, que tem como objetivo estimular a discussão de gênero, mulheres e feminismos, a partir da premiação de redações, no caso do Ensino Médio, e artigos científicos, no caso da graduação e pós-graduação.

Referências

FELÍCIO, José Roberto Drugowich de. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. In: **Pensando gênero e ciência**. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa – 2009, 2010/ Presidência da República. – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. p. 45-52.

LÖWY, Illana. Ciências e gênero. In: HIRATA, Helena et al (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 40-44.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?**. São Paulo: EDUSC, 2001.